

TRAVESSIAS DE MAX: IMAGENS E PALAVRAS

MARIANO KLAUTAU FILHO

Mestre em Comunicação e Semiótica. Professor da Universidade da Amazônia - Unama

Farta sem ser excessiva, concentrada sem ser parca. A poesia de Max nos deixa muitas vezes atônitos, desconcertados, enamorados. Meio tontos de emoção. Seu impacto sobre os leitores talvez venha da intensidade sutil guardada sob cada palavra ou verso. Palavras e versos guardados por outras palavras que por sua vez se escondem numa teia de imagens guardadas por outras imagens. Uma sucessão de caixas dentro de caixas que surpreendem e hipnotizam o leitor provocando sua imaginação.

A imagem "a hipnose dos riscos na toalha" pode nos levar a uma toalha xadrez, vermelha e branca. A "gôndola fúnebre incendiando-se" nos lança inevitavelmente a uma romântica cidade italiana. Seria uma cantina veneziana a guardar uma paixão inflamável?

O contato com os poemas nos causa generosamente uma ilusão de ótica. Seus poemas são pinturas que enganam o olhar e multiplicam os sentidos. São filmes embalados pela "música da música das palavras" e são poemas tecidos por forte fibra poética.

As tramas tecidas por Max ligam-se às tramas da imaginação do leitor. O poeta move-se em muitas direções, o que não significa de modo algum dispersão, e sim desvios que enriquecem os caminhos de um poeta profundamente ligado nos percursos da escrita.

Suas inquietações criativas não permanecem somente nos seus guardados, nas suas anotações, no seu imaginário. Elas acabam por escapar dos diários e anotações e sob uma forma aparentemente incompleta se realizam como obras prontas, ou seja, muito de sua poesia contém no seu acabamento um certo frescor de uma idéia em processo.

Podemos perceber em vários de seus poemas essa inquietude que ele finda por expor como um traço de sua estética. Isso confirma o seu estreito relacionamento com a palavra arduamente construída e ao mesmo tempo com a imagem - no sentido de imaginação.

A imagem na poesia de Max surge muitas vezes imprevisível, ainda envolta em mistério, buscando uma definição no poeta, que na impossibilidade de agarrá-la rapidamente, faz daquele instante impreciso um poema. Max tem a capacidade de tornar um insight "à deriva" em poesia realizada:

Obs. Este texto contém parte da dissertação de mestrado "Para Ter Onde Ir - A transformação da imagem e o movimento da palavra na poesia de Max Martins" sob orientação de Cecília Almeida Salles no programa de Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo.

Wien, Westbahnhof

Real perfeito, o ato
A cerimônia de um poema

teve-me

Esse poema nos lembra um depoimento do fotógrafo americano Charles Harbutt em que ele afirma: "I don't take pictures. The pictures take me" ("Eu não capto imagens. As imagens que me captam"). É como se o poeta tomado de surpresa por uma idéia, por uma imagem tão fugidia, tivesse conseguido arrancar somente a sensação daquele instante.

O poema assim pode ser visto também como uma anotação no seu arquivo de memória que poderá se tornar um poema no futuro, mas o poeta impaciente talvez ou fascinado por aquele momento mágico da imagem poética lhe arrebatando, decide compartilhá-lo com o leitor realizando a (in)completude criativa de um devaneio poético para usar as palavras de Bachelard sobre os momentos primeiros de uma consciência criadora e imaginante.

O embate com a palavra, o exercício nascido da relação física entre poeta e verbo, a zona de atrito que concentra prazer e dor são momento também compartilhados com o leitor em muitos de seus poemas. É como se a tensão criativa estivesse à mostra, carregada de todas as suas nuances, de todas as suas contradições. É o caminho tensivo presente no processo de criação sendo construído sempre entre a lei e a possibilidade, entre a vontade e o limite. Max Martins nos permite alguns desses momentos tensivos e profundamente amorosos para com a palavra:

M/M

Pela solidão contra a solidão

te escrevo
e já não és
minha

indecisa frase
indecifrável

O poeta ao falar de desejo está falando de criação. O poema deixa sempre interrogações, vazias, silêncios grafados no espaço da página que misturam as idéias de acabado e inacabado, rompem o limite entre rascunho e poema pronto. Essa "indecisa frase indecifrável" (vinda após um espaço/silêncio/dúvida posta na página) de que fala o poeta, torna-se a conclusão "inacabada" de um enigma poético ou a constatação fatal de um amor/desejo interrompido?

Essas interrogações permanecem como presença de uma poética toda ramificada, cheia de vieses que só incitam o leitor a descobrir os infinitos caminhos possíveis da criação. A visualidade talvez seja o ponto de confluência de todas essas vias possíveis encontradas na poética de Max. Ela pode ser encontrada das mais diversas maneiras: ou na captação instantânea da imagem fugidia do poema "Wien Westbahnhof" ou na imagem gráfica de suas palavras sobre a página, criando vírgulas, silêncios, hesitações como no poema "M/M".

Ao se referir à grafia de Max, Benedito Nunes fortalece essa idéia de visualidade. Para ele, a poesia de Max contém a fusão do discurso lírico com o discurso gráfico: "Além da fisionomia e do "desenho" dos significantes, importa o que as palavras fazem imaginativamente.(...) O artista aprendiz conseguiu equilibrar-se entre a grafia e entonação verbal, entre verso e contra-verso, entre canto e contra-canto.(...) alternam-se o visual e o discursivo, o estilo de concentração estimulado pela poesia espacial e o modo lírico reflexivo".

A visualidade poética de Max tem também outras faces múltiplas presentes de modo curioso no seu processo

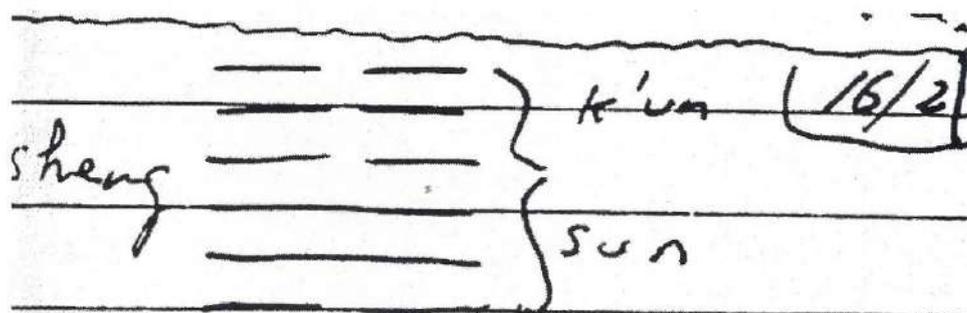
de criação. A dinâmica entre o visual e o discursivo parece ser o elemento detonador da chamada ação transformadora no seu processo criativo. Se não for em toda sua obra, pelo menos terá sido especialmente em "Para Ter Onde Ir".

O livro "Para Ter Onde Ir" nasceu do final de outro, ou melhor, de uma série de poemas intitulada "60/35", uma publicação que foge aos padrões de um livro tradicional, sendo mais um encarte dobrável em forma de poster com trabalho gráfico apurado e uma apresentação que assimila a poética de Max utilizando outros elementos visuais, inclusive a fotografia.

Ao terminar a série "60/35", o poeta consulta o I Ching e operando com as regras do jogo da sorte oferecidas pelo oráculo chinês, pergunta se tinha sido bem sucedido naquela série de poemas. Da resposta dada pelo oráculo, nasce um poema que acaba por fechar o referido conjunto e ao mesmo tempo iniciar uma outra série, desta vez inteiramente apoiada no jogo do I Ching.

Ao acompanhar alguns percursos da criação deste primeiro poema, podemos perceber alguns movimentos da palavra como geradora de imagens no processo criativo do poeta.

Em 16 de fevereiro de 86 há o hexagrama 46 Shêng / Ascensão anotado pelo poeta em seu diário como podemos ver a seguir:



46 - A ascensão.

K'un: a terra, feminino,
passiva, receptiva

Sun: vento, madeira, madeira
penetrações.

Este dado indica que o poeta chegou ao texto oracular que representa o hexagrama Sheng/Ascensão. É do texto oracular que o poeta vai colher o seu poema. Vamos ao texto do hexagrama 46 :

升

46. SHĒNG / ASCENSÃO



Acima K'UN, O RECEPTIVO, TERRA.
Abaixo SUN, A SUAVIDADE, MADEIRA.

O trigram inferior Sun representa a madeira; o trigram superior K'un significa a terra. Isso sugere a idéia da madeira que cresce no interior da terra. Ao contrário do PROGRESSO, hexagrama 35, a ASCENSÃO aqui está associada ao esforço, assim como a planta necessita de energia para crescer através da terra. Por isso, apesar de estar relacionada ao sucesso, este hexagrama está associado ao esforço da vontade. O hexagrama PROGRESSO enfatiza mais o expandir, enquanto que o presente hexagrama indica uma ascensão direta do anonimato e de uma condição inferior ao poder e à influência.

JULGAMENTO

A ASCENSÃO tem sublime sucesso.
É preciso ver o grande homem.
Não tema!
A partida rumo ao sul traz boa fortuna.

A ascensão dos elementos capazes não encontra obstáculos, sendo por isso seguida de grande sucesso. O que possibilita a ascensão não é a violência, mas a modestia e a adaptabilidade. Graças às condições favoráveis do momento, o homem avança. Ele deve ir ao encontro de pessoas influentes. Não há o que temer pois o êxito está assegurado. É preciso apenas começar a trabalhar, pois a atividade (esse o significado do sul) traz boa fortuna.

IMAGEM

A madeira cresce no interior da terra:
a imagem da ASCENSÃO.

Assim, o homem superior, com abnegação, reúne
pequenas coisas para alcançar o que é sublime e grande.

A madeira cresce no interior da terra sem se deter e sem se apressar, contornando, graças à sua adaptabilidade, todos os obstáculos. Assim também, o homem superior, com espírito abnegado, é incansável em seu progresso.

LINHAS

□ Seis na primeira posição significa:
A ascensão que encontra confiança traz grande boa fortuna.

146

Podemos destacar trechos do texto do I Ching grifados pelo poeta que se transformam em documentos de processo criativo que apontam elementos construtores do poema. São frases e imagens escolhidas pelo poeta:

- "A idéia da madeira que cresce no interior da terra"
- "A Ascensão aqui está associada ao esforço, assim como a planta necessita de energia para crescer através da terra"
- "este hexagrama está associado ao esforço da vontade"
- "É preciso apenas começar a trabalhar, pois a atividade(esse o significado do sul) traz boa fortuna"
- "A madeira cresce no interior da terra"
- "pequenas coisas para alcançar o que é sublime e grande"
- "Ascendendo ao interior de uma cidade vazia"
- "Ascendendo por degraus"
- "Ascender em meio à escuridão. É favorável uma perseverança tenaz"

Em meio a tantas possibilidades, imagens, sugestões, elementos, palavras, sentidos, rotas, o poeta colhe a essência, talvez o eixo do texto do oráculo para construir o eixo criativo do seu poema.

Partindo da própria estrutura do hexagrama (mostrar o hexagrama com as características de cada trigram) e as possibilidades sígnicas da paisagem verbal do texto oracular, o poeta saca dali um poema curto e denso, concentrado e generoso. Um poema lírico, gráfico, reflexivo que fala da criação e que revela travessias de um poeta que flui entre as margens da palavra e da imagem:

Ascensão

À receptiva terra

À receptiva madeira passivamente fêmea

À receptiva penetração

Nobre como o vento

Cerimonioso

Ascendes

O poeta Max Martins tem na sua poesia um componente fundamental: a busca permanente pela palavra mutante. Ao tomarmos contato com seus poemas, somos conduzidos para um lugar onde a palavra assume criativamente o seu poder evocador de imagens. A imagem poética em Max Martins se manifesta diversamente, ora explícita, espacial ocupando concretamente o corpo visual do poema; ou aqui e ali oculta, latente, sugerida, provocante, iludindo o leitor em suas muitas formas cambiantes.

Estas características fazem parte da poética de um autor que enfrenta o processo criativo como matéria primeira de sua vida e criação. Uma poética que nos conduz a sua gênese, assim como a visualidade presente na sua poesia nos leva à investigação das imagens em seu trato com a palavra. Aproximando-se de sua gênese, as possibilidades de investigação signica se multiplicam, pois seus poemas refletem seus processos.

O livro "Para Ter Onde Ir" pode ser visto como um exemplo da poética de Max, não pelo fato de ser uma obra que simbolize o ápice da qualidade poética de um determinado autor. Ela sintetiza a procura incessante pelo fazer criativo, pelo prazer errante que tem este poeta de descobrir outras vias possíveis para os seus poemas.

A palavra na poesia de Max jamais está presa a determinados significados que a tornem imóvel quanto a sua vocação em expandir-se. A palavra, muitas vezes, desliza incrivelmente dentro do poema gerando tantos sentidos diversos e complementares a um só golpe de leitura, que podemos perceber aquele mesmo poema se fazendo de outro modo naquele mesmo instante, tal é a soltura das palavras no espaço gráfico do poema.

Max é um atento observador da natureza das coisas, com um forte acento oriental, traz para sua poesia esta experiência direta com as coisas, esta visibilidade e visualidade como sendo um caminho possível de renovação da sua fala ocidental. A relação com o oriente não produz nenhuma poesia alegórica ou exótica, ou ainda falsamente mística. Ela surge naturalmente na confluência de uma poesia original, visual com a vocação dirigida para o curso das coisas em movimento.